

Sábado, 17 de fevereiro de 2007

O GLOBO

PROSA & VERSO • 3

[POESIA][POESIA][POESIA]

Ciranda virtual para divulgar versos

Poetas mostram seu trabalho e selecionam obras alheias no blog 'As escolhas afectivas'

Thais Brito

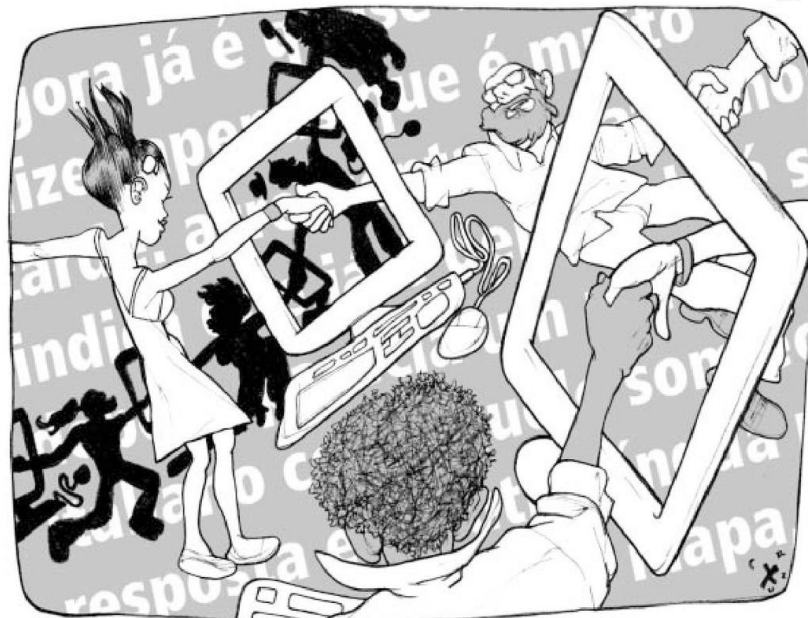
Carlito gosta de Siscar que gosta de Marília que gosta de Domeneck que gosta de Angélica. Mas na quadrilha organizada por Aníbal Cristóbal, ao contrário da de Drummond, não há final trágico para qualquer dos personagens. Eles podem ser encontrados no blog "As escolhas afectivas" (asescolhasafectivas.blogspot.com), criado por Cristóbal há poucos meses e que funciona de maneira simples: poetas mostram seu trabalho e indicam outros escritores da ativa de que gostem ou com os quais tenham afinidades. Hoje, já são mais de 80 poetas cadastrados, de nomes consagrados como Armando Freitas Filho e Zuca Sardan às (ainda) desconhecidas Angélica Freitas e Marília Garcia — que no próximo mês lançam seus primeiros livros pela editora Cosacnaify. "Rilke Shake", de Angélica, e "20 poemas para o seu walkman", de Marília, integram a coleção As de Coleta, que incluirá ainda o novo livro de Ricardo Domeneck, "A cadeia sem logor". Os três serão lançados no Rio dia 10 de março.

Forma de conhecer a produção poética do país

Inspirado no quase homônimo argentino, "Las elecciones afectivas", o blog se auto-intitula uma curadoria autogestionada da poesia brasileira. Parece pretensioso, mas Cristóbal garante que esta não era a intenção:

— A minha motivação foi a de devolver alguma coisa boa ao Brasil e aos poetas brasileiros, com quem eu tenho uma dívida cármica de gratidão. Sempre fui muito bem tratado no Brasil, humanamente e poeticamente — diz o escritor, que é argentino, morou no Brasil entre 1996 e 2001, e tem três livros publicados por aqui. — Eu havia participado como poeta no blog argentino e gostei da dinâmica que nos obrigava a dividir um "espaço" com tratamento igualitário, fosse um poeta consagrado ou autor desconhecido de uns poucos versos.

Para Cristóbal, o blog é ainda uma bela forma de conhecer a produção poética do país. Os entusiastas do gênero



têm opções diversas de buscas: podem ver os últimos poemas publicados, encontrar os nomes na lista alfabética ou podem — do jeito mais divertido — simplesmente ir seguindo os links de um poeta para outro. O poeta Carlito Azevedo (um dos listados) diz conferir as atualizações diariamente.

— É ótimo conhecer autores novos, jovens ou simplesmente desconhecidos para mim. Nos seus melhores momentos, esses jovens praticam uma espécie de profanação de muitas coisas que ainda eram improprianáveis — diz Azevedo, que há 9 anos edita a revista de poesia "Inimigo Rumor".

O caráter abrangente do projeto, cujo critério de inclusão é literalmente afetivo, é um dos pontos favoritos de Marília Garcia. Ela diz que, no blog, conheceu poetas de cuja existência jamais teria sabido:

— O fato de estarem todos reunidos num único lugar é in-

teressante. São vários grupos com perspectivas poéticas diferentes que podem conviver, discutir e ler o que está sendo feito pelos outros. No blog argentino, talvez por ser mais antigo, ou pelo temperamento dos nossos vizinhos, há discussões acaloradas entre esses grupos.

Autores criticam estado da poesia atual

Na hora de falar sobre a relação entre as editoras e a poesia, as discussões acaloradas aportam por aqui. Se todos concordam que "As escolhas afectivas" é uma alternativa para leitores que querem conhecer a poesia contemporânea brasileira, os autores divergem na hora de opinar sobre o mercado. Angélica Freitas acredita que, se o gênero é renegado, a culpa é também dos poetas.

— Vai ver a poesia se distanciou dos leitores: muita coisa que está sendo escrita não interessa a eles. Não digo que o

poeta tenha que escrever para vender. Mas ou você é uma pessoa ligada no que está acontecendo ao seu redor ou não é — diz.

O poeta Ricardo Domeneck, que atualmente vive em Berlim e trabalha também como videomaker e DJ, vai mais longe:

— O mercado não está interessado na poesia porque o público não está. A maioria dos poetas desligou-se por completo do mundo em que vivem, e preferem ver-se como gênios incompreendidos a jogar pérolas a porcos. A poesia brasileira contemporânea, com algumas exceções, está entre as mais entediadas do planeta.

Para o veterano Zuca Sardan, é a postura do lucro a qualquer preço que não é (ou não deveria ser) condizente com a arte literária.

— Naturalmente, poesia nunca venderá tão bem quanto os dramalhões glamorizados por filmes emproizados com romances marítimos —

brinca. — Mas as editoras e livrarias que se prezem não podem se limitar a vender livros como se fossem simples mercadorias, tal ventiladores, sapatos, presunto e bacalhau.

Marília lembra que há diversas revistas literárias que circulam com periodicidade constante, além de pequenas editoras que seguem publicando o gênero. A sempre redentora internet e, consequentemente, sites como "As escolhas afectivas" também estão entre as saídas apontadas pelos autores. Sardan acredita que não há meio melhor para a troca de ideias entre poetas e leitores.

— A renovação de autores, leitores, e da própria poesia foi catapultada pelo dinamismo da internet e do espírito cinético das novas gerações. Velocidade, volúpia, esfacelamento do discurso contínuo... as características da atualidade jogam a favor da poesia, que deve aproveitar a deixa, e não ficar no cais — afirma. ■

Reflexão sobre o lugar da poesia no mundo atual

Coletânea de ensaios reúne textos de críticos de qualidade

Poéticas do olhar e outras leituras de poesia, organizado por Celia Pedrosa e Maria Lucia de Barros Camargo. Editora 7Letras, 256 pgs. R\$ 38

Luiz Horácio

A poesia é uma fêmea muito vulgar, não fosse assim não se entreteria a qualquer aventureiro semiletrado só por que este aprendeu a empilhar palavras mas ainda desconhece o poder da argamassa e do fio de prumo, indispensáveis às sólidas construções. Com um pouco de critério, poesia e poetas se fariam respeitar emudecendo as bocas que, embriagadas pelo álcool da vaidade, infestam bares e praças tropeçando nas rimas tolas, resabiando ouvidos inocentes que doravante tratarão de se proteger desta vil poesia. Não, não responsabilizem o povo, ávido de poesia, pelo marasmo poético atual. A culpa é dos maus poetas, geralmente muito bem relacionados, o que lhes permite espalhar suas mal rimadas asneiras país a dentro e país a fora.

"Poéticas do olhar e outras leituras de poesia", organizado por Celia Pedrosa e Maria Lucia de Barros Camargo é, como o título indica, um livro sobre poesia. Um livro que não faria mal nenhum aos bons poetas e tornaria menos nocivos os poetastrós que ora assolam a nossas letras.

Diferenças e semelhanças entre prosa e poesia

As abordagens não se resumem ao objeto dos ensaios. Assim, o texto a respeito do olhar estetizante na obra de Ana Cristina César estimula o debate sobre as diferenças e semelhanças entre prosa e poesia sem o perigo de enveredar pelo lugar comum.

O texto de Maria Lucia de Barros Camargo, professora da UFSC, sobre Ana C. na segunda parte do volume, é um dos pontos altos de "Poéticas do olhar", verdadeira aula sobre prosa e poesia. Seus argumentos a respeito do verso livre, prós e contras, é bastante esclarecedor e provocador. Não se percebe em Maria Lucia nem o comodismo tampouco os grilhões paralisantes do academicismo, e se você acha que isso não representa muito é porque desconhece o poder de destruição de um acadêmico.

Livro de referência para amantes do gênero

O ensaio de Antonio Francisco de Andrade Jr. sobre o olhar e a fotografia na obra de Manoel de Barros é daqueles textos raros, capazes de estimular a leitura de quem ainda desconhece o autor objeto do estudo, bem como instigar o leitor habitual a descobrir outras interpretações da obra. Não pensemos que é tarefa fácil encontrar olhares sobre a obra do poeta pantaneiro que fuja à simplória interpretação dos movimentos da natureza, geralmente afetadas a reduzi-la a um livro ensaio infantil.

Outro ensaio digno de leitura é o de Jair Tadeu da Fonseca, professor da UFSC. "Poesia de cinema em 'Terra em transe'" é o texto da saudade, da tristeza. Glauber se foi e até hoje seu lugar está vago. Jair Tadeu une cinema e poesia em seu trabalho e mostra ao leitor a associação feita pelo cineasta entre a

[INTERNET][INTERNET][INTERNET]

Romance traça retrato multifacetado do Rio

'Vera Lúcia', de André Luis Mansur, apresenta cidade surpreendente, mas peca pelo didatismo

Vera Lúcia, de André Luis Mansur.
www.almansur.net/online.com

Flávio Camero

Desde o início de nossa ficção, no século XIX, a cidade do Rio de Janeiro tem sido privilegiada como cenário das mais diversas narrativas. De Alencar, Machado e Aluísio Azevedo até Rubem Fonseca, passando por autores como João Antônio, Clarice Lispector e outros, o Rio tem sido cantado nas suas diferentes faces, de tal modo que se pode traçar um retrato da cidade a partir do olhar lançado sobre ela por nossos prosadores.

Na ficção atual, o panorama se mantém. Exemplo disso é o romance "Vera Lúcia", de André Luis Mansur, ainda inédito em papel mas publicado na internet. A partir do mote de uma história de amor, o



ganos que o autor vai tramando entre amigos e amantes num Rio de Janeiro dos dias correm. Na verdade, o protagonista da história parece ser a própria cidade, que se apresenta de corpo inteiro, sobretudo a partir das digressões de Luiz Antonio, estudante de História que se mostra apaixonado tanto por Vera quanto pelo Rio.

Trama é centrada na Praça Tiradentes

Ficção centrada na Praça Tiradentes

mance a presença do que, em outra ocasião, chamei de "narrador intruso", ou seja, aquele que se intromete na narração para lançar certos juízos, certas frases de efeito que soam como a "mensagem" do texto. Embora domine certos fundamentos da arte de narrar, André Luis Mansur cai na armadilha de querer explicar o que só cabe ao leitor descobrir.

Faltou, talvez, uma maior liberdade para os próprios personagens. Eles é que precisam dizer o que têm a dizer, sem a intromissão de um narrador que parece preocupado demais com o efeito de sua narrativa na imaginação do leitor. Tal preocupação, se bem dominada, rende obras-primas, claro, mas se a preocupação se torna excessiva, o romance corre o risco de ser um tanto didático demais, não permitindo, assim, que se dê ao leitor a sua liberdade.

Falhas na construção dos personagens e do enredo Embora se perceba no autor certas falhas na construção dos personagens e na armação do enredo, seu

mo que, fora isso, o autor sabe conduzir bem.

Uma boa estratégia foi a de centrar a trama num lugar restrito da cidade, a Praça Tiradentes. Neste cenário riquíssimo, em que podemos ver várias faces da cidade — a da prostituta, a do intelectual, a do boêmio, entre tantas outras —, a trama pode ser trabalhada com mais precisão e o autor corre menos risco de se perder.

"Vera Lúcia" é um romance que resgata da cidade um pouco de sua diversidade cultural, ao centrar o enredo em jovens que, de um modo ou de outro, estão intimamente ligados à história, passada e atual, do Rio de Janeiro.

Falhas na construção dos personagens e do enredo Embora se perceba no autor certas falhas na construção dos personagens e na armação do enredo, seu

Como ter seu livro resenhado

• Para ter seu livro inédito resenhado pelo Prosa & Verso, publique-o num site ou blog e envie um e-mail com o link para ineditos@oglobo.com.br, com uma pequena apresentação biográfica. Os autores dos livros selecionados serão contactados. O Prosa & Verso não faz resenha de posts de blogs ou textos avulsos. O objetivo deste projeto é avaliar livros que mereçam a atenção do leitor do caderno, mas que ainda não tenham sido resenhados.

uma história de amor envolvendo dois jovens na faixa dos 30 anos, o livro tece comentários sobre a história da cidade, no passado e no presente. O título chega a ser um pouco enganoso, já que Vera Lúcia não é, dependendo do ponto-de-vista, a personagem principal do romance, mas apenas mais uma peça no jogo de en-

e se atresna em dois pontos altos do romance — esse retrato multifacetado de uma cidade surpreendente —, é aí também que o autor peca, por excesso. As longas digressões sobre a história da cidade pesam um pouco demais na arquitetura do livro, soando como aulas para o leitor. Do mesmo modo, há no ro-

seu ao leitor o que me e de direito: a possibilidade de imaginar. Há também certa repetição no modo de descrever os personagens. O narrador sempre fala da cor dos cabelos, da pele, da altura de cada um. São informações que pouco acrescentam à narrativa e acabam atravancando um pouco o rit-

mação do enredo (que, aliás, se de passagem, merecia um final mais elaborado), o livro de André Luis Mansur se inclui na galeria dos romances urbanos que têm o Rio como cenário e protagonista, e isso talvez seja o seu maior mérito. ■

FLÁVIO CARNEIRO é escritor

mas são contrariados pelas editoras. Com isso, o Prosa & Verso se volta para uma produção que, em alguns casos, já atrai milhares de leitores, e também para novos escritores de talento, mas ainda desconhecidos.

rena pelo cinema entre as figuras do personagem Paulo Martins e do poeta Mário Faustino. "Poéticas do olhar" é livro de referência para os amantes da poesia. ■

LUIZ HORÁCIO é escritor, autor de "Perciliana e o pássaro com alma de cão"